

FLUXO CONTÍNUO

A VINCULAÇÃO DOS DISCURSOS DA AFETIVIDADE E DO “FAZER POR AMOR” AO TRABALHO DO CUIDADO EM UMA INSTITUIÇÃO DE LONGA PERMANÊNCIA¹

THE LINK IN THE DISCOURSES OF AFFECTION AND “DOING IT OUT OF LOVE” TO CARE WORK IN A LONG-TERM CARE INSTITUTION

Marcio Luis Saedt Saunali Cecato²
Fabio De Medina Da Silva Gomes³
Evelin Mara Cáceres Dan⁴

RESUMO

O presente trabalho origina-se de debates e leituras vinculados ao grupo de pesquisa intitulado “Cidadania, Conflitos e Segurança Pública” do campus de Barra do Bugres, da Faculdade de Ciências Exatas e Tecnológicas da UNEMAT. Neste sentido, realizou-se análises e reflexões sobre o trabalho do cuidado (*care*) em uma instituição de longa permanência voltada ao acolhimento de idosos na cidade de Brasnorte/MT. A partir da etnografia, realizada ao longo de 3 (três) meses do ano de 2023, bem como da aplicação de questionários semiestruturados com os funcionários do local, evidenciou-se discursos que unem trabalho, cuidado e afetividades. Para análise teórica buscou-se autores consagrados na área, como Helena Hirata (2021) e Guita Debert (2014), que a partir de seus estudos, nos demonstram que esta temática está permeada por questões raciais, de classe, gênero, (i)migratórias construindo, ao mesmo tempo, cenários precarizados e alicerçados por discursos naturalizantes, estes que elegem determinados perfis profissionais como preferidos no exercício do cuidado. Por fim, as conclusões nos apontam que a casa de longa permanência também perfaz este perfil descrito pelas autoras, incluindo problemáticas em que se aliam a discursos de afetividade e do “fazer por amor” como práxis inerente ao profissional do cuidado.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho. Cuidado. Afetividades. Casa do Idoso.

¹ Texto apresentado na Unemat, campus de Barra dos Bugres, nos dias 19 e 20, por ocasião da realização dos seminários “**Cidadania, Conflito e Segurança Pública**” e “**Políticas Públicas, Direito e regulação: formas de mitigação da violência no Brasil**”.

² Acadêmico do curso de bacharelado em Direito, do campus de Barra do Bugres, turma única de Brasnorte, na Unemat. Email: marcio.saunali@unemat.br.

³ Doutor em Antropologia jurídica. Professor substituto do curso de bacharelado em Direito, campus de Barra do Bugres, da Unemat. Email: fabio.medina@unemat.br.

⁴ Doutora em Ciências Sociais e Jurídicas. Professora Adjunta do curso de bacharelado em Direito, campus de Barra do Bugres, Unemat. Coordenadora do Projeto de Pesquisa em Cidadania, conflitos sociais e segurança pública. Email: evelindan@unemat.br.

FLUXO CONTÍNUO

ABSTRACT

This work originates from debates and readings linked to the research group entitled "Citizenship, Conflicts and Public Security" at the Barra do Bugres campus of the Faculty of Exact and Technological Sciences at UNEMAT. In this sense, we carried out analyzes and reflections on the work of care in a long-term institution focused on caring for the elderly in the city of Brasnorte/MT. Based on ethnography, carried out over 3 months in 2023, as well as the application of semi-structured questionnaires with local employees, discourses that unite work, care and affection were highlighted. For theoretical analysis, renowned authors in the area were sought, such as Helena Hirata (2021) and Guita Debert (2014), who, based on their studies, show us that this theme is permeated by racial, class, gender issues, (i) migratory movements simultaneously constructing precarious scenarios based on naturalizing discourses, which choose specific professional profiles as preferred in the exercise of care. Finally, the guidelines point out that the long-term care home also fulfills this profile described by the authors, including problems in which discourses of affection and "doing for love" are combined as praxis inherent to the care professional.

KEYWORDS: Work. Care. Affections. Elderly Home.

¹ Bacharel em Psicologia e atualmente bacharelando do curso de Direito parcelada Brasnorte (MT) vinculada ao curso de Direito Campus Barra do Bugres. Membro do Projeto de Pesquisa Cidadania, Conflitos e Segurança Pública (portaria n. 2108/2021), Unemat, Barra do Bugres – MT. (e-mail: marcio.saunali@unemat.br)

² Doutor em Antropologia pela UFF, Mestre em Direito pela mesma instituição e Bacharel em Direito pela UFRJ. Pesquisador do INEAC-UFF e do PPDES-UNEMAT. Professor da FACET-UNEMAT-BBG. (e-mail: fabio.medina@unemat.br)

³ Professora Adjunta do Curso de Direito na Universidade do Estado de Mato Grosso (2008- atual). Doutora em Ciências Jurídicas e Sociais da Faculdade de Direito da Universidade Federal Fluminense (2015-2019) Coordenadora do Projeto de Pesquisa " Cidadania, Conflitos e Segurança Pública (UNEMAT). Profa. Evelin Dan (e-mail: evelindan@unemat.br)

INTRODUÇÃO: O TRABALHO DO CUIDADO

A temática do cuidado perpetua a necessidade de debates importantes e caros à sociedade. Destacada aqui como trabalho de suporte à vida e não apenas como atividade (Enriquez, 2022), deve-se promover reflexões sobre o acesso justo, possível, universal e equitativo a este tipo de serviço, sejam elas em políticas públicas ou em âmbito privado. Segundo relatório do Censo IBGE⁵ do ano de 2022, no Brasil, "O número de idosos da

⁵Disponível em <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38186-censo-2022-numero-de-pessoas-com-65-anos-ou-mais-de-idade-cresceu-57-4-em-12-anos>>. Editorial IBGE redigido por Irene Gomes e Vinícius Britto. Acesso em 12 de fevereiro de 2024.

FLUXO CONTÍNUO

população, com 60 (sessenta) anos ou mais, chegou a 32.113.490 (15,6% do total). Um aumento de 56,0% em relação a 2010, quando na época era de 20.590.597 (10,8% do total)". Diante de tal cenário, podendo aumentar consideravelmente, nas próximas décadas, os dados trazem consigo a importante preocupação sobre como a nossa geração e as próximas estarão de fato comprometidas com esta crescente demanda.

Neste sentido, ao passo de ser considerável importante a preocupação sobre àqueles que necessitarão de acesso às políticas públicas de cuidado, não se deve esquecer que, para esta efetividade, haverá uma força de trabalho necessária por trás destes serviços e assegurará a sua execução. À saber, serão então os trabalhadores do cuidado, os incumbidos deste nobre objetivo. Assim, a análise e discussão de possíveis conflitos que emergem neste tema, nos parece convidativo para observar e refletir questões com grande potencial de descobertas.

Perpassando então por diversas disciplinas, dispostas desde a sociologia do trabalho, teorias feministas e na economia política, o trabalho do cuidado já possui vasto arcabouço de debates científico acadêmicos. Trata-se de trabalhos importantes, sob o prisma de múltiplas análises e problematizações, como direitos trabalhistas, perfis profissionais, precariedades e características singulares de atuação do Estado e Mercado em diversos países no cuidado com sua população. Por fim, também há interessantes estudos que denotam as interlocuções de conflitos entre capital versus mão de obra (Sorj, 2022).

Tais bases teóricas, seus principais autores, tanto no Brasil como internacionalmente, já demonstraram que há marcadores sociais pertinentes a serem investigados pois fazem parte intrínseca ao trabalho do care⁶, termo este usado comumente na literatura para definir a exploração do trabalho, das práticas institucionais e sociais no âmbito privado, público e comunitário do tema do cuidado.

Destacam-se, por exemplo os estudos de gênero dentro da perspectiva feminista, que argumentam ser majoritariamente este trabalho requisitado a partir de perspectivas naturalizantes da mulher, colocando este tipo de trabalho e outros denominados invisibilizados como pertencentes quase que exclusivamente ao ethos feminino (Guimarães; Hirata; Sugita, 2011; Debert, 2014; Hirata, 2022).

Na mesma linha de pesquisa, por consequência, encontramos estudos da chamada economia feminista, que discutem ser o care uma forma de sustentação do grande capital. Este, ao utilizar da delegação das mulheres em determinados espaços, formam mecanismos de produção de mão-de-obra barata. O trabalho do cuidado, exercido e mantido por um determinado

⁶ Mais especificamente, segundo Evelyn Nakano Glenn, no Prefácio à Edição Francesa do Trabalho do Cuidado, de Helena Hirata (2022) care diamond é o conjunto das quatro responsabilidades para se atender pessoas idosas: Estado, Mercado, Comunidade e Família.

FLUXO CONTÍNUO

grupo social, dentro do sistema neoliberal, sustenta a lógica de produção do sistema econômico. Há, em outras palavras, alguém responsável por educar, criar e desenvolver os trabalhadores do futuro, “aptos” e “sadios” à produção capitalista. Analisam as autoras então, que não estão somente, os trabalhos ligados ao cuidado direto e são atravessados por esta lógica, mas também outros serviços igualmente invisibilizados seguem o mesmo propósito de exploração, como por exemplo, o doméstico, o de asseio e conservação, os de baby-sitters entre outros no mesmo sentido (Bengoa; Corral 2022).

Discute-se internacionalmente através dos estudos da socióloga Hirata (2022), a pertinência da importação da mão de obra de países do hemisfério sul (aqueles que sofreram processos de violenta colonização) rumo ao hemisfério norte (chamados de países desenvolvidos) como uma força de trabalho necessária, mas indesejada, visto serem estas nações possuidoras de populações em idade avançada e que dessa forma, acabam buscando mão-de-obra barata para o exercício do trabalho do cuidado. Ainda conforme Hirata (ibidem, 2022), no caso brasileiro, discute-se a migração de mão-de-obra da região nordeste para as demais regiões do país principalmente para o sul e sudeste.

Por fim, outros autores correlatos também apontam que de forma geral é o perfil destes trabalhadores da seguinte maneira: imigrantes, com presença majoritária de mulheres, racializadas e oriundos de classes sociais pobres e marginalizadas. (Debert, 2014; Guimarães; Hirata; Sugita, 2011; Sorj, 2022).

Como observado, o perfil predominante trata-se da trabalhadora mulher, negra e (i)migrante. Não há como negar que a discussão aqui produz uma causa-consequência pertinente à discussão da divisão sexual do trabalho. Como nos aponta Enriquez (2022, p.153):

a injusta distribuição das responsabilidades de cuidado se vincula à naturalização da capacidade das mulheres para cuidar. Isso acontece quando se considera que a capacidade biológica exclusiva das mulheres de parir e amamentar as dota de capacidades superiores que as dos homens para outros aspectos do cuidado (como manter a higiene das crianças, preparar a comida, limpar a casa, organizar as diversas atividades de cuidado necessárias em um lar).

Segundo a autora, trata-se de naturalizar, certos espaços como próprios do ethos feminino, imbuindo também certas características de sentimento e de afetividade com relação aos outros membros da família. Porém, sabe-se ser esta concepção “uma construção social sustentada nas relações patriarcais de gênero e que se assenta em valorações culturais produzidas por diversos mecanismos do mesmo” (Enriquez. 2022, p.154)

Não à toa, na sociologia do trabalho encontram-se discussões também sobre a constante precarização deste tipo de trabalho, com uma tendência global de retirada de direitos. Não somente para o trabalho do cuidado em

FLUXO CONTÍNUO

si, mas como já apontado para outras profissões comumente associadas, como as das empregadas domésticas. Utilizando-se muito de discursos em sentidos próprios de “bondade” e de “fazer por amor” tem-se uma corroboração ideológica de visões de mundo subalternas para o desempenho destas profissões (Gomes, 2014; 2015; 2021; Silva; Gomes, 2020).

As interlocuções do trabalho do cuidado, seu acesso, sua forma de trabalho, seus trabalhadores, sua organização e relações de poder imbuídos, nestes lugares, são inherentemente atravessados então, por discursos e sentidos ligados à afetividade e sua relação com a precarização dos trabalhos do cuidado. E é aqui, que este artigo levanta seu principal objetivo: entender como tais relações de afetividade e das emoções entrelaçam com o trabalho do cuidado e, assim, formam mecanismos de subserviência e precarização do trabalho.

Portanto, neste breve aporte teórico, conseguimos ver a pertinência desta pesquisa, além de entender o cenário global e brasileiro das principais questões que permeiam a temática. Na elucidação do objetivo proposto, tratou-se de analisar algumas falas oriundas de entrevistas com trabalhadoras da Casa do Idoso⁷, instituição de longa permanência pertencente às políticas públicas voltadas ao acolhimento de idosos em vulnerabilidade social na cidade Brasnorte, localizada no noroeste do Estado de Mato Grosso. Com tais dados em mãos foi possível observar como há um forte discurso naturalizante que determina sentimentos ideais ao trabalho do cuidado.

2 A CASA DO IDOSO: APROXIMAÇÕES E IMPRESSÕES

A aproximação deste pesquisador no campo, inicialmente, deu-se através da própria função deste como membro da rede de proteção socioassistencial do município. Como parte da equipe de referência do programa de atendimento integral à família, constantemente era requisitado a realizar acolhimentos com idosos na casa. Logo nestes primeiros momentos, um fenômeno curioso chamou-me a atenção: o fato de que todos os cuidadores diretos e outros funcionários da casa eram mulheres, enquanto que os moradores da casa, os usuários da rede socioassistencial, eram todos homens. Na época da pesquisa, haviam 8 (oito) idosos acolhidos. A maioria destes, com autonomia para tarefas básicas do dia a dia, porém, outros, com alguma necessidade de vigília e cuidados mais incisivos.

⁷ A Casa do Idoso é uma instituição de morada para pessoas acima de 60 anos. A casa é gerida pela Rede de Atenção Socioassistencial do Município de Brasnorte e possui a finalidade de serem casas permanentes aos idosos que são vítimas de violação de direitos e/ou estão em situação de rompimento de vínculos familiares por abandono ou negligência conforme Tipificação Nacional dos Serviços Socioassistenciais (2009).

FLUXO CONTÍNUO

Após estes interesses iniciais, já em concordância com as leituras iniciadas no grupo de pesquisa “Cidadania, Conflitos e Segurança Pública”, iniciou-se a primeira fase de aproximações como pesquisador, utilizando-se da etnografia oriunda da Antropologia. Tal método adequava-se melhor à proposta de coleta de dados no caso concreto, pois conseguia alcançar melhores resultados, especificidades e peculiaridades do objeto de estudo (Oliveira, 1996), sendo a Casa do Idoso uma instituição já bem estruturada burocraticamente falando, parte-se de uma dinâmica própria de funcionamento, com rotinas de trabalho e de acolhimento específicas, que somente seriam possíveis de apreensão através do método etnográfico. Assim, as visitas regulares foram realizadas, entre os meses de setembro a outubro de 2023, com encontros regulares 1 (uma) vez na semana.

Neste segundo momento, foi possível obter dados que demonstraram as interlocuções entre gênero, classe, raça e (i)migração quanto aos perfis dos funcionários, justamente de acordo com o que a literatura já nos apresentava.

A casa assim contava com (4) (quatro) funcionárias exercendo carga horária de 12 (doze) horas diárias, das 7:00 às 19:00 horas, intercalando dia sim e dia não entre duplas, e outro turno com mais 2 (duas) funcionárias, das 19:00 às 7:00 horas, também intercalando uma noite de trabalho com uma noite de folga entre elas. Aos finais de semana, no domingo e sábado havia a contratação de diaristas para limpeza estrutural. A casa tinha coordenação própria, porém, não havia uma carga horária definida para esta função. Havia uma pessoa encarregada dos serviços gerais que trabalhava de segundas-feiras às sextas-feiras, sem gozo de feriados ou pontos facultativos municipais. A média salarial dava-se em torno de um salário mínimo. A maior parte dos seus membros eram oriundos de outras partes do próprio estado de Mato Grosso (5) com 1 (uma) pessoa vinda de outro Estado e 1 (uma) oriunda de outro país, esta última com ascendência brasileira. O que inclui, neste sentido, a corroboração já mencionada sobre o que a literatura já aponta sobre as características do cuidado: fortemente presente questões interseccionais de gênero, raça, classe e (i)migração (Hirata, 2022).

Porém, além da constatação já interessantíssima de dados que corroboravam a literatura, no decorrer das visitas deste pesquisador, também foi possível identificar outro fenômeno muito curioso - o discurso em que alguns trabalhadores idealizavam sua própria posição ali na casa. Nas observações e interações ouvia-se sempre nos diálogos, uma evidente atribuição sentimental e emocional necessária ao vínculo de trabalho. Em grande medida, nos discursos proferidos entre os funcionários, os idosos eram tidos como sujeitos passivos, que necessitariam de pessoas dotadas de atributos de personalidade ideais para a lide adequada do processo de cuidado.

FLUXO CONTÍNUO

Tais idealizações no discurso promoviam definições de si à figura do cuidador e, ao mesmo tempo, elencavam sentimentos e emoções necessárias para um bom funcionamento do cuidado com o próximo.

Diante desta nova perspectiva de análise de dados, em um segundo momento, utilizou-se de entrevistas semiestruturadas, para alcançar um entendimento mais amplo sobre estes sentidos que os entrevistadores estavam dando sobre a sua própria posição na casa.

As perguntas neste roteiro orientaram questões pertinentes sobre a opinião do entrevistado diante destas possíveis características ideais que ditavam o que era um cuidador, e sobre como deveria ser seu trabalho dentro da casa. Assim, suscitaram-se reflexões, nas entrevistas, sobre se havia diferença entre o cuidado entre homens e mulheres, se estes conseguiram atribuir um porquê desta possível diferença se fosse apontada. E por fim, também se questionou, com perguntas mais diretas, se haveria possibilidade de a profissão de cuidador ser exercida apenas como uma troca salarial entre patrão e funcionário, abrindo reflexões sobre a possibilidade sentimento e ganhos salariais estarem em dimensões separadas.

3 A aparente estranheza entre “fazer por amor” e receber salário

Tem pessoas que sim, (que conseguem) mas eu acho que na maior parte não, se a pessoa exercer muito aquela linha da parte moral, você vai entender que não, porque assim você vai lidar muito, como eu te falei, com mudanças de comportamento, então muitas vezes o idoso quer conversar, quer desabafar, então você tem que estar ali um pouco para ouvir ele também* (Isabel, 2023).

*Isabel ao ser indagada, em entrevista, sobre se “é possível o cuidador exercer sua atividade somente pela retribuição de salarial sem ter um vínculo emocional com o idoso”.

A fala inicial que abre este capítulo imprime o fenômeno mais interessante, dentro das práxis do cuidado, que é a correlação entre trabalho e questões afetivas.

No decurso da investigação da Casa do Idoso, foi possível apreender diversos conteúdos neste sentido, principalmente através das entrevistas. De forma geral, havia uma visão do trabalhador de que o cuidado necessitaria de determinados atributos essenciais de personalidade ou de sentimentos, e que assim, deveriam ser inerentes à própria condição humana. Sem estes, o trabalho poderia ser corrompido, ou mesmo não realizado de forma adequada. Ou seja, havia a correlação que delineava suas próprias funções

FLUXO CONTÍNUO

na casa formando um entendimento de si como profissionais do cuidado. Na fala da cuidadora apresentada inicialmente, existe uma clara tentativa de colocar seu dever como àquele que escuta o idoso, que o deixa “desabafar” e que deve estar atenta à possíveis mudanças de comportamento.

É interessante pontuar que comumente acreditamos ser o trabalho algo longe do espectro pessoal de todos nós. Esta impressão pode nos causar estranheza, quando temos em princípio, que não se fala em necessidades de empatia e compreensão com o outro, na lógica de atividade puramente técnica, como o mundo do trabalho costuma ser colocado (Zelizer, 2011). Mas este afastamento não se aplica ao trabalho do cuidado aparentemente. Como dito, tal temática inclui a questão emocional de maneira forte. E os discursos proferidos pelas entrevistadas reforçaram tal entendimento.

Assim, este fenômeno nos faz refletir sobre algumas questões interessantes nesta inter-relação necessária. Por que esta profissão, é permeada por questões emocionais? Por que sendo este um trabalho, não pode ser entendida exclusivamente como uma relação jurídica comum entre o prestador de serviço e o patrão? O recebimento de um salário e a consequente prestação de serviço não deveria ser a máxima a ser seguida como costumamos conceber o mundo do trabalho no senso-comum? Há outras profissões, neste sentido, em que o amor e o afeto são legitimações realizadas como trocas mediadas por valores monetários?

O sociólogo e antropólogo Fábio Gomes (2014), ao estudar ações trabalhistas promovidas por empregadas domésticas contra suas patroas, na justiça do trabalho do estado do Rio de Janeiro, já refletiu sobre a relação entre intimidade, emoções, economia e sua consequência nas ações trabalhistas. Patroas e empregadas domésticas, em seu estudo, perfazem discursos moralizantes sobre o que é o trabalho doméstico. Aponta-se como as moralidades sobre os conceitos de família balizam e permeiam a subalternação das funcionárias domésticas em relação as suas patroas, quando por exemplo, do pedido jurídico de indenização trabalhista e de danos moral. Estas moralidades demonstram, em última instância, como os discursos de “ser quase da família” e da “intimidade da profissão do cuidado”, são bases argumentativas utilizados pelos próprios juízes para tomadas de decisões judiciais. Estas denotam uma relação de intimidade aliado ao trabalho, que na visão dos agentes estatais, impediriam a aplicação adequada do instituto da indenização trabalhista.

Em outra fala, ainda em entrevista com a trabalhadora *Fátima percebemos sua identificação de seu próprio trabalho da seguinte forma.

Eu não trabalho visando só no dinheiro, eu trabalho pelo amor que eu tenho da minha profissão, Eu gosto de cuidar deles, tenho carinho por eles, então, assim, eu trabalho aqui porque realmente eu gosto, eu amo o meu serviço e trabalho também

FLUXO CONTÍNUO

porque preciso, mas não dizer assim que eu trabalho só em torno do dinheiro, porque tem pessoas, às vezes que trabalham pensando no dinheiro, mas não pensam no ser humano, então, assim, eu vejo muito o lado deles, porque estão aqui? porque não têm família? precisa de um cuidado melhor, entendeu? (Fátima, 2023)

Zelizer (2011), por exemplo, em seu livro intitulado “Negociação da intimidade”, promove reflexões interessantíssimas, ao estudar diversos processos jurídicos americanos, em que houveram trabalhos do cuidado e relações afetivas envolvidas. Esta aponta a difícil comprovação entre vínculo de cuidado como trabalho e suas consequências econômicas perante um tribunal. Há, pois, nos estudos da autora, um conflito em estabelecer um parâmetro legal de remuneração e de litígios testamentários para àqueles que se dedicam ao cuidado de um idoso por exemplo, seja sob a função de enfermeira, ou mesmo sob um aspecto mais íntimo, como dentro das próprias relações amorosas e conjugais. Estas últimas, que comumente possuem uma linha tênue entre amor e o cuidado e que assim no senso comum criam crenças e expectativas diferentes sobre como quantificar e precificar a relação.

Tal cenário mostra a nebulosidade que a sociedade tem em estabelecer parâmetros remuneratórios sobre cuidado e afetividade, mas principalmente nos aponta que há uma tentativa de naturalização do cuidado do próximo aliado a sentimentos necessários, estes que supostamente devam ser vistos como algo altruísta, fruto de uma vontade “inerente” em ajudar o próximo.

Ao mesmo tempo, Zelizer (2011) impacta nossos conceitos das afetividades e emoções, nos colocando em xeque à crença de que relações de intimidade serão sempre relegadas à esfera estranha da mercadoria, ainda mais quando temos outras diversas profissões, como a do próprio psicólogo em que através da terapia, exerce uma figura de suporte (quase paternal/materno) para o paciente e assim, recebe por estes serviços. Ou mesmo, quando pensamos a profissional do sexo que vende seus serviços sexuais e afetivos na justa expectativa de remuneração.

*Fátima em outra parte da entrevista ao ser questionada sobre “quem estaria mais apto a exercer o trabalho do cuidado na casa” nos exprime o seguinte discurso.

(entrevistador) Você acredita, da mesma forma, que seria melhor um homem ou uma mulher o perfil apto a se tornar cuidador?

FLUXO CONTÍNUO

- Geralmente eu digo assim, o homem já é mais seco, ele vai fazer o trabalho dele e a mulher não, a mulher já por ter aquele instinto de mãe, ela já tem aquele maior amor, já tem aquele coração mais, assim, o homem geralmente trabalha bem sim, só que a questão é que eles são mais práticos no negócio ali, não envolvem muito sentimento como mulher (Fátima, 2023).

Como mesmo apontado pelos estudiosos do cuidado, em algum nível, houve uma naturalização ideológica da mulher como detentora desse *animus* afetivo aliado à seara do cuidado, nos mais diversos lugares da sociedade, desde a própria família até mesmo em espaços que seriam mais profissionais, foram do âmbito doméstico. Os movimentos e estudos feministas, em grande parte, já apontavam como o trabalho dito como invisibilidade, sempre relegado ao longo da histórica comumente, à responsabilidade das mulheres. Este perpetuado e legitimado através do machismo estrutural (Bengoa; Corral; Enriquez, 2022).

Interessante, neste sentido, entendermos que, no Brasil, as questões relacionadas ao cuidado em algum nível também podem ser atribuídas a outras profissões como as domésticas de forma geral, aos cuidadores de crianças (*baby-sitters*), e até mesmo àqueles que lidam com asseio e conservação. Estas funções são tomadas como se fossem produto eventual de uma profissão só, com as encarregadas deste serviço comumente serem admitidas para esta função inicial, e logo mais, acumularem outros trabalhos ao mesmo tempo, revelando-se em altas cargas horárias, opressão por parte dos empregadores e precarização dos salários (Hirata, 2022; Enriquez 2017).

Helena Hirata (2022) descreve em seus estudos também, que estão fortemente presentes, a naturalização de afetação e de uma relação de co-dependência entre os envolvidos quando do trabalho do cuidado. Entre às questões já mencionadas sobre perfil dos trabalhadores do cuidado, em seu livro *O Cuidado: teoria e prática*, a autora indica ser de fato uma das problemáticas atuais entendermos como o afeto e sua relação com o cuidado estão sendo indissociáveis em trabalhos deste tipo.

Neste sentido, então entendemos que problemática posta está longe de ser um dado extraído da natureza de forma neutra e intocável. Este fenômeno, da afetação e da responsabilização feminina, faz parte sim, de uma construção social e tal qual não é impossível de se extraírem possíveis planos de explicação em análises sócio-históricas, como já observado.

Assim, o cuidado visto como sentimento humano, não pode ser estudada como uma constituição universalizada, e ligados estreitamente a questões biológicas, marcadas por uma suposta ordem natural das coisas. Em Antropologia das Emoções, por exemplo, as pesquisadoras Rezende e Coelho (2010), apresentam exatamente a ideia de que as concepções afetivas são,

FLUXO CONTÍNUO

antes de tudo, construção específicas a depender do lugar e com constante dialética nos contextos históricos sociais de cada tempo. Assim, antes de ser universal, as formas de sentir e expressar sentimentos, não podem ser entendidas como formações culturais.

Entendemos até aqui que os atrelamentos de discursos deste tipo, não são naturais da vida em sociedade, mas sim pertencentes ao seu tempo, e reforçadas, moldadas e incentivadas a depender do contexto histórico. Este é sim, permeado por complexas relações de poder. Os discursos proferidos pelos trabalhadores nos levam a pensarmos que tais apontamentos, sobre a condição da mulher na sociedade, são antes de tudo constituição ideológica sobre o papel social que estas desempenham nos mais variados espaços de sua vida (Enriquez, 2022). Os movimentos e estudos feministas, neste sentido, já apontavam que em grande parte, os trabalhos ditos como invisibilizados foram relegados ao longo da histórica, comumente as mulheres, através do machismo estrutural, e reforçado constantemente também, pelo próprio sistema econômica atual (Bengoa; Corral; Enriquez, 2017).

Haveria, pois, uma necessidade de se colocar o papel da mulher como daquela protetora dos filhos, mais “apta” a conseguir adentrar às necessidades da família e do sustento, do espaço doméstico, com habilidades “inatas” de emoção e afetação para esta lide. Em Caliban e a Bruxa por exemplo, escrito ao longo de décadas, pela feminista Silvia Federeci (2017), estabelece-se justamente o argumento de que a delegação do trabalho doméstico à mulher e neste sentido, o trabalho de criação e educação das crianças dentro da instituição familiar, seria uma tomada ideológica das próprias estruturas capitalistas e liberais logo em sua ascensão. A condição feminina seria sumariamente colocada como função naturalizante de responsabilidade de criação de mão-de-obra (cuidado e educação dos filhos) para o empreendimento do grande capital em momentos posteriores. Ou seja, o trabalho formal seria um dever do homem, àquele de ir para as indústrias e trazer o sustento material da casa, enquanto a mulher teria o dever de cuidar e zelar da prole no espaço doméstico.

A partir deste ponto, é inegável percebermos como o discurso da emoção e da afetação, dentro do trabalho do cuidado, e outros trabalhos invisibilizados são recursos ideológicos que tratam de oprimir resistências e formas de expressão do empoderamento destas trabalhadoras e trabalhadores, relegando sempre a sua atividade como algo que deva ser feito “com e por amor”. Um sentimento supostamente empático, acima de tudo, para com o sujeito cuidado.

Como mesmo apontado, se pensarmos as emoções e sentimentos como não sendo universais e naturais (Rezende, Coelho, 2010) de nossa

FLUXO CONTÍNUO

existência, chegamos à conclusão lógica que a imputação de determinados sentimentos à determinados perfis de pessoas, em relação ao seu gênero e profissão, são claramente instrumentos ideológicos de manutenção de poder, de uns que já detém a capacidade de explorar em relação aos outros, estes segundos, os próprios trabalhadores assalariados, que apenas possuem sua força de trabalho como troca de mercadoria.

À medida que tais afetos são considerados inerentes à condição humana, principalmente quando se colocam na condição da mulher, perpetuam-se em grande medida formas de não-resistência às diversas formas de opressão e exploração. Assim, como em diversos outros trabalhos tomadas pela mesma lógica do acúmulo de capital, oferecem uma possibilidade de precarização destas trabalhadoras, que com baixos salários exprimem uma necessidade de que, supostamente, o trabalho do cuidado deva ser realizado antes de tudo “por amor” e não por remuneração salarial digna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, apontou-se largamente, como o discurso naturalizante do amor e da afetividade, como parte do trabalho do cuidado, englobam recursos ideológicos poderosíssimos que atribuem estados emocionais e afetivos na tríade agente-cuidado-trabalho. Ainda que parte da condição humana, de interpessoalidade nos grupos sociais, tais recursos fazem neste caso, uma ligação perniciosa às questões do trabalho do cuidado, incumbindo, na prática, determinados perfis profissionais ideais e características de personalidade necessárias para o exercício profissional.

Como visto, comumente atribuídos à figura feminina em específico, é observado que tais recursos ideológicos na realidade pertencem à uma construção histórica de nossa sociedade, que através dos processos dominantes tornou o corpo feminino idealizado para a figura da afetividade e do cuidado do lar.

Tais aparatos promovem ideais do “lugar de mulher na sociedade”, sempre na tentativa de relegar trabalhos invisibilizados a estas: do trabalho do cuidado até o trabalho doméstico. Promovem o seu exercício como funções de “amor” e “empatia” ao próximo em detrimento de conceitos mais puramente técnicos sobre o dever do cuidado.

Assim, o trabalho do cuidado, na Casa do Idoso, não demonstra também fugir a esta regra de exploração. A ideia natural de “fazer por amor” também propaga possíveis precariedades nos trabalhos desenvolvidos por estes agentes.

FLUXO CONTÍNUO

REFERÊNCIAS

BENGOA, Cristina Carrasco; CORRAL, Carme Díaz (Ed.). **Economia Feminista: Desafios, propostas e alianças**. Editora Jandaíra, 2022

DEBERT, Guita Grin. **Arenas de conflito em torno do cuidado**. Tempo Social, v. 26, p. 35-45, 2014.

ENRIQUEZ, Corina Rodriguez. Economia Do Cuidado E Desigualdade Na América Latina: Avanços Recentes e Desafios Pendentes. In. BENGOA et al. **Economia Feminista: Desafios, propostas e alianças**. Editora Jandaíra, 2022.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Editora Elefante, 2017.

GUIMARÃES, Nadya Araujo; HIRATA, Helena Sumiko; SUGITA, Kurumi. Cuidado e cuidadoras: o trabalho de care no Brasil, França e Japão. **Sociologia & antropologia**, v. 1, p. 151-180, 2011

GOMES, Fabio Medina da Silva. "Quase da família": o trabalho doméstico remunerado e as Varas do Trabalho da Cidade de Niterói. **XI Congreso Argentino de Antropología Social**, Rosario, 2014.

_____. Amizades muito hierárquicas: direitos e emoções nas relações entre domésticas e patroas. **Cadernos de Campo** (São Paulo-1991), v. 24, n. 24, p. 290-314, 2015.

_____. "Um apego que faz mal": reflexões sobre o trabalho do cuidado e os discursos sobre o amor. (Região Metropolitana do Rio de Janeiro, Brasil). **Revista Latinoamericana de Antropología del Trabajo**, v. 5, n. 10, 2021.

HIRATA, Helena. **O cuidado: teorias e práticas**. Boitempo Editorial, 2022.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL (MDS). **Tipificação Nacional dos Serviços Socioassistenciais**. Brasília. 2009.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. Revista de antropologia, p. 13-37, 1996.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, v. 136, p. 1, 2010.

FLUXO CONTÍNUO

SILVA, G. B. da, & Gomes, F. M. . “**Lavo, passo e cozinho na sua casa e pros seus filhos, mas meu filho que mora comigo fica largado na favela**”: reflexões sobre suspeição e precariedade nos casos do “cria de favela” e da “**empregada doméstica**”. *Antropolítica - Revista Contemporânea De Antropologia*, (50). <https://doi.org/10.22409/antropolitica2020.i50.a43310>, 2020. Acesso em: 31.out.2024.

SORJ, Bila. **Estudos sobre o cuidado na sociologia a contribuição de Nadya Araujo Guimarães e Helena Hirata**. *Sociologia & Antropologia* 11, p. 1089-1097, 2022.

ZELIZER, V. A. **A negociação da intimidade**. Tradução Daniela Barbosa Henriques. – Petrópolis, Rj. Vozes, 2011.